

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Honoré
Avant l'Opéra.

ANNUAL PAYMENT 14 francos
SUSCRITION 12 francos
ADMISSION 1 francos
No right of property 1 francos per number 1 francos per issue.

1º Anno. — Volume 1. — Número 14.

PARIS 26 DE NOVEMBRO DE 1884

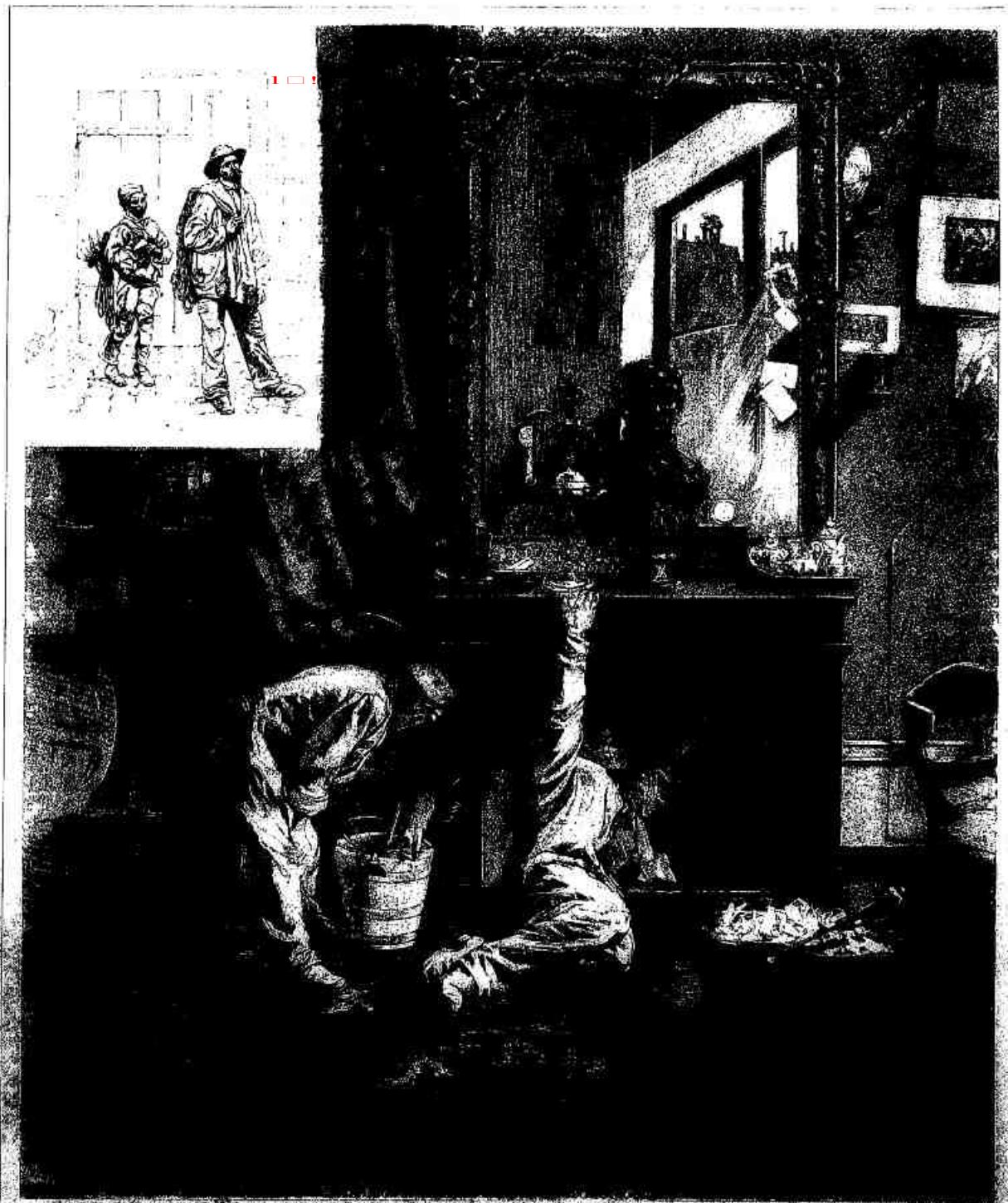
Director: M. M. Pisa

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 2º, R. do Ouvidor.

Assinatura

ANNO: (Cidade) 12 francos 12.000
SUSCRITION 10 francos 10.000
ANNO: PROVINCIA 14 francos 14.000
ADMISSION 1 francos 1.000



PARIS PITTORESCO. — Antes do inverno.

(Composição de Samuel Urabieta)

SUMMARIO
SUMMARY

Texto: *Chronica*, por Mariano Piss. — *A mão e a consciência (poesia)*, por Luís Beltrão. — *As nossas oravinas*. — *Antes do Inverno*, O nunsalou Michelat. — *Eduardo de Lemos*, Inundação em Moscou. — *Victor Hugo*, *Manuel de Sousa Carqueja*, *Lucrecia*, *Um avarento*. — *Íntimo (poesia)*, por Valentim Magalhães. — *Victor Hugo*, por Theóphilo Braga. — *Sua Excelência o maltratado*, por Fialho d'Almeida. — *Passatempo*.

GRAVURAS: — *Paris pitoresco*: *Antes do inverno*. — *O funeral de Michelat*. — *Eduardo de Lemos*, gravura de Baude. — *Inundação em Moscou: Uma luangada*. — *Victor Hugo*, quadro de Bonnat. — *Manuel de Sousa Carqueja*, gravura de Baude. — *Arte italiana: Lucrecia*. — *Um avarento*, quadro de Adrien Marie.

CHRONICA

ENTRE varias cartas que o correio hon-
tou me trouxe encontra-se uma ver-
dadeiramente singular, que eu não
hesito um instante em dar à publi-
cação, fazendo dela o assunto da minha
chromica, e evitando apenas na transcrição
as phrases de pura amabilidade feminina
que a minha correspondente me faz a honra
de dispensar.

Esta fo' de papel, donde foi excluído o
Ex. "sr. do costume, começo simplesmente
assim:

Habituada aos comprimentos banais e
aos elogios muertos que vejo por ahi trocarem-
se todos os dias, em quasi todos os jornais,
agrada-me sobremodo a sua maneira justa e in-
dependente de fazer critica. —

... e por isso que em vez de
escrever à directora do collegio que ha pouco
deixei me dirijo a V. pedindo-lhe para escolher
os livros que devem formar a minha bibli-
oteca. —

Quantas collegaes minhas condiscípulas e al-
tas leitoras (tenho feito propaganda da *Exce-
lentissimo*) se não acham n'este momento na minha
posição: a quererem formar o seu pequeno
sanctuário de sciença e a recuarem acanhadas, *para*
indecisas, sem saberem o que hão de pedir as li-
vriarias, reciosas d'uma banalidade ou d'uma
profanacion! —

Não queremos livros que façam de nós mulhe-
res podentas, não desejamos fazer ruído com a
nossa erudição, não ambicionamos dar na vista, *para*
não queremos, em summa, ser ridiculos. Desejam-
os todavia ter uma boa orientação moral, *para*
scientifica, literaria e artística que não nos deixe
boquiabertas e gafuchas quando por acasalgum
se lembrar dirigirmos a palavra; queremos obras
que mais tarde nos auxiliem nas luctas de exis-
tencia, na responsabilidade do *ménage*, na edu-
cação... dos sobrinhos; n'uma palavra: desejam-
os livros que nos ensinam tudo que V. —

Quase são porto os titulos desses livros? —
Convenitudo de que não só por grandeza e por
dizer, como também por uma natural galanteria
V. não pode deixar de responder-nos; egradeço
desde já, em nome de todas as minhas condisci-
pulas, o favor que vae prestar-nos. —

Lectura, *entusiasmo*, *rubro*, *entrelinhas*, *fatigas*, *Uma excentrica*, *etc.*

V. Ex.º depois de ter saido do colle-
gio levaram-a decente ao theatro, coloca-
-

ram-a entre duas bondosas e respeitaveis
senhoras que ainda ha vinte annos considera-
vam os artistas como *creaturas indignas* de
serem enteradas em sagrado, — e vio
necessariamente a *Estrangeira de Dumas*
filho.

Dispensou toda a sua estima e toda a sua
compaixão de creança que vê uma outra
creança sofrer, á pobre duquesa de Sept-
imonts. E á noite, ao entrar no seu quarto,
sem sentir talvez sobre as palpebras o tepli-
do nfago d'uns beijos maternos — os únicos
que nos dão coragem e confiança no
futuro, os únicos que são bem sinceros e
bem desinteressados! — tendo apenas por
companheira dedicada a lampada que alumiava, lembrou-se de que desejaria tambem,
n'um momento difícil, encontrar um con-
selheiro fiel como o doutor que vio nacer a
duquesa. — E escreveu-me aquella carta,
que eu não mandei imediatamente ao dou-
tor de Alexandre Dumas — porque o doutor
não existe!

Minha senhora. É muita honra para mim
para bem desempenhar o papel que me
distribuiu falta-me a casula branca, a
sobrecasaca solene, o grande botão da
Legião d'Honra, ter sido na sociedade mais
espectador que actor, ter escripto 50 volu-
mes, ter estudado em 5.000, ter feito ha
quinze annos a minha entrada na Academia,
e ser nos salões como um antigo con-
fessor — jogando o écante com as avós, ou-
vindo as queixas das esposas nervosas, me-
recendo a confiança dos maridos ciumentos,
e conservando que os novos lhe roubam o
leixo da India, lhe esviessem a caixa de tar-
taruga, e lhe escondam todas as noutras o
chapéu e a bengala de castiço de ouro... o
que diverte sobremodo as senhoras e faz
sorrir de bondade o bom do confessor!... .

Não, minha senhora, não posso en-
carregar-me do papel que me distribue. —

Recomendar a uma senhora um autor
que escreveu taes volumes, é mil vezes mais
perigoso que apresentar-lhe um amigo, uma
noite, n'uma sala. Analysa-se o amigo, de
alto a baixo; a casaca assenta-lhe bem; a
cinta curva, quando cumprimenta, é agrada-
vel; traz um brilhante n'um dedo que mos-
tra naturalmente quando levanta o bigode,
sem pretensão; a sua physionomia é devêras
sympathica; a sua phrase é simples e ele-
gante; de quando em quando, sem ser
afectado, pronuncia correctamente uma pa-
lavra francesa, inglesa ou italiana que não
tem equivalente; allude sem pose a uma ou
outra viagem que fez; sabe fazer a corte a
uma senhora, sem ser impertinente; e mesmo
quando tem conquistado sympathia ou
afeto a um

amigo — o perigo diminui d'import-
ância; por que tudo se passa em publico, à
vista de todos. —

As apresentar e recomendar um au-
tor, a uma senhora nas condições de
V. Ex.º é cousa mais grave, mais perigosa e mais delicada, que recomendar-lhe
um amigo.

Os resultados da convivencia com um
livro podem ser excellentes ou terríveis. Um
livro não se escuta em publico; n'um salão,
entre uma walse e um gelado. Um livro só
fala quando justamente findou o baile,
quando todos partiram, quando todos em
casa já dormem. E ento que o livro faz a
sua apparicio, que o livro se escuta, que o
livro aconselha, que o livro insinua. E en-

tao que S. Ex.º deixou ouvir as suas phrases
calculinhas, estudadiñas, refundidas com
vezes, phrases que na maioria dos casos são
falsas, paradoxas, porque o auctor aten-
deu mais à moda e à extravagancia, do que
á verdade. De cada mil volumes que se
comprem, difficilmente se encontram cinco
que sejam profundamente sinceros. Os que
o são — são as obras-primas de todos as
literaturas.

Para uma senhora — não hesito em di-
zer — uma biblioteca pode ser ás vezes
mais perigosa que uma sala. O galanteador
tem a grande desvantagem de perseguir em
publico, na desordem d'uma contradaça.
Quando vai para dizer ao ouvido d'aqueila
que ama: *eu adoo... trocam-se ás vezes os*
*pares e o doce... ro... pode cair nos cara-*ços d'uma futura e intolleravel sogra!** En-
quanto que o livro que se vai buscar á es-
tante, que pode dizer verdades como tam-
bem pode mentir em questões de religião,
de moral, de sociedade, é o companheiro dos
dias d'isolamento e das noutras d'insom-
nia, fallando com mais eloquencia e com
mais autoridade que Mephistopholes aos
ouvidos de Margarida.

Balzac, lido por uns dezenas annos fe-
mininos ha pouco saídos do collegio, tanto
pode ensinar como pode perder. E os livros
que se tecem escripto nos centos, expressa-
mente para a biblioteca d'uma *demoiselle*,
são os livros piores que eu conheço, os li-
vros mais falsos e mais perigosos que exis-
tem, descrevendo uma sociedade de conven-
ção para uso de moralistas d'agua morna,
sentimentos que ninguem ainda encontrou
na vida real, dedicações ridiculas e imbecis,
amizades de papelão e amores de pechinche
que para preparar o espirito das nossas fu-
turas esposas...

D'esses livros é fugir com mais medo do
que do falso amigo que diz a esposa d'a-
quelle que lhe abriu sinceramente a porta
da sua casa e o sentou á sua meza: *Eu
amo-a... Livros tão ordinarios e tão per-
niciosos como certos compendios de civili-
dade que varios cretinos tecem tido a auda-
cia de imprimir e pôr á venda — por entre
os geraes aplausos de burquezes sem edu-
cação e directores de collegio que nunca pas-
aram por uma escola séria.*

Nas nossas sociedades modernas,
emancipadas d'antigos preconceitos, a mu-
lher acha-se no mesmo plano que o homem,
posto que os seus atributos sejam opostos.
O homem representa simplesmente a força,
e a mulher simplesmente a beleza. A dis-
cordia ha-de existir sempre desde o mo-
mento que a mulher pensa em abandonar a
sua função esthetic, para se tornar a
força — quando provar a homen que pode
competir com elle ou pelo trabalho ou pelo
pensamento. Quando este desafio se pro-
duz, a função moral da mulher desappa-
rece — e a família torna-se impossivel. Isso
que sucede nas regiões onde a mulher tra-
balha mais do que o homem e o que sucede
nas nossas sociedades europeias onde
a mulher procura sempre ser superior ao
homem ou pelo espirito fallado ou pelo es-
pirito escripto.

D'aqui resulta que para a mulher moderna
ha apenas dois caminhos a seguir — ou o
salão ou a familia.

Quando a mulher é simplesmente sa-
lão, a mulher está perdida — porque é

inutil. Quando a mulher é simplesmente família — todo o respeito que devemos ter por ella é pouco, porque imenso é o seu coração.

Salto e família são duas qualidades que eu vejo que V. Ex.^a deseja possuir, e que hoje possuem quasi todas as senhoras da sociedade. A questão está nas doses. Doses iguais de salto e de família — é bom. Duas doses de salto e uma de família — é óptimo. Duas doses de salto e uma só de família — é pessimo!

Conversaremos mais largamente sobre este assunto no proximo número da ILLUSTRAÇÃO, e até lá permita-me V. Ex.^a que lhe apreende e lhe recomende particularmente a leitura d'um livro de Balzac. Título: *Mémoires de deux jeunes mariés*.

É o livro que eu ofereceria a minha irmã no dia em que ella entrasse no mundo, — se irmã ainda me fosse dada a ventura de possuir!...

MARLINA PINA.

A MÃO E A CONSCIENCIA

* Porque enfim tu me disseste
 * Que a curva da sua mão
 * É como a curva celeste
 * Onde ha o rai e o trovão,
 * E o sol de dia, e de noite
 * Os bellos astros gentis!
 * Ha quem a tanto se affonte?
 * Isto a gente nunca diz,
 * É por isso que ella agora
 * Faç de tigre e de leão;
 * Diz-lhe que tem um'aurora
 * Em cada dedo da mão...
 * Diz-lhe que tem sol e luz,
 * Que Deus tudo isto fez,
 * Por conhecer, que a mão sua
 * Podia com mais — talvez; —
 * Com o mar, e o vento, e a procela
 * Com tudo enfim sim senhor...
 * Só não podia a mão d'ella
 * Cam o peso do teu amôr;
 — A consciencia fallava,
 E eu — olhos fitos no chão —
 Eu... só scismava... scismava
 Em como beijar-lhe a mão!

Rio de Janeiro,

LUIZ Delfino.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTES DO INVERNO

A PAÍS que Samuel Urabieta, o irmão do grande e infeliz artista Vierge, desembou para o nosso jornal, é uma das cenas mais curiosas e mais caracteristicas da vida parisiense.

Novembro bate à porta. Cacim as ultimas folhas; descem sobre as avenidas os primeiros e melañólicos neveiros; as ruas estão cobertas de lama; o termômetro começa a descer... E o inverno que chega — vão chegar dentro em pouco as noites de 12 graus abaixo de zero.

E então que se inventam duas janelas secas as portas de todos os *appartements* de Paris. A criada vai abrir e anuncia para dentro que são os *ramoneurs* que vêm limpar as chaminés. São elles que nos vêm anunciar o frio...

E elles que entram. Negros como demônios calcinados pelo fogo do inferno, surgem-nos todos encarregados de fuligem. As crencas fogem com medo, e as donas de casa extremam da desordem em que elles vão pôr tudo. Sobre o *parquet* que luz como um espelho deixam o traço das suas passadas; e dentro em poucos dias andar pelo ar um pô negro e brilhante que ha de ir posar pelos repositórios pelas cortinas, por todos os móveis. Maldições *ramoneurs*!...

Aproximam-se dos fogões, deitam-se por terra e começam a contar para dentro da chaminé. E nesse dia só se ouvem na casa as suas cantigas; os gritos d'alarme que elles mandam pela chaminé aos companheiros que estão em cima, sobre o telhado; e o ruído surdo e aspero dos molhos de carqueja e das vassouras de verga com que limpam as chaminés, de alto a baixo, e que espalha nos *appartements* uma poeira negra e sufoante.

Todos na casa detestam os *ramoneurs*, todos os odiavam, — as senhoras, as crencas e as asdrubas. E elles contados, através de todos estes odios, lá vão arrasando a sua bem triste existência, ora entrando nos *appartements* onde são recebidos com mau modo por que tudo vem pôr em desordem, ora trepando nos telhados de zinco e arriscando a vida por um magro salário.

Mas quando o *ramoneur* desaparece d'uma casa para sô abi voltar um anno depois; quando o inverno chega e o mercurio do thermômetro desce precipitadamente a linha do zero; quando um fogo claro e crepitante brilha no fogão e alegra a vista adocicando a atmosphera — então o parisiense lembra-se com reconhecimento da pobre *ramoneur*, a cujo trabalho se deve o conformo d'aquele noite, enquanto lá fora, sobre as ruas d'este Paris immenso a neve cae lentamente... lentamente!

No desenho do nosso colaborador Samuel Urabieta está representado com summa elegância um trecho d'um interior parisiense. E um pedaço de salão apanhado com muita verdade e muita verve.

O TUMULO DE MICHELET

No dia 2 de novembro de cada anno dia de finados raro é o parisiense que não vai a um cemiterio depôr um ramo de violetas ou um ramo de perpétuas sobre o tumulo d'um parente, d'um amigo, ou d'algum homem celebre que admira e venera. De forma que, nos cemiterios mais concorridos, como o Père-Lachaise, é curioso ver esta populachão parisiense cobrindo de flores as covas d'aqueles cuja memória mais amou e mais respeita.

Depois da visita aos tumulos dos parentes, há romaria aos tumulos celebres.

Os homens politicos vão deixar coroas sobre os tumulos de Luis Blanc, de Raspail, de Thiers. As senhoras vão deixar ramos de violetas sobre o mausoleu de Alfred de Musset. Os homens de letras vão engrinaldar de coroas de rosas o tumulo de Balzac. Mas onde todos vão em massa, senhoras e homens, homens de letrias ou operários, homens politicos ou homens de scienzia, é no tumulo de Michelet, do grande historiador da França, do extraordinario artista que escreveu tão soberbos e tão extraordinarios livros de moral.

O tumulo do autor do *Amour* é tambem uma verdadeira obra d'arte, executado por Antonin Mercié, um dos escultores mais notaveis da França contemporânea.

O ilustre morto é representado deitado, dormindo o seu ultimo sono. A mão direita segura ainda a pena infatigável e poderosa que traçou,

num efeito sublime, glórias, famílias, recordações heroicas, tudo quanto constitue a honra d'uma nação. Proximo do corpo inanimado elevara-se uma figura imponente personificando o genio inspirador de Michelet.

A obra de Michelet foi recebida com grandes elogios, pela critica francesa, quando foi inaugurado o anno passado em Paris.

Oleremoscemos o povo e pelo seu valor artístico pela sua actualidade, depois da manifestação de respeito e de sympathy que o povo de Paris acaba de prestar à memória de Michelet, indo visitar-lhe de flores o seu tumulo. E isto foi só o povo de Paris. Foram também inúmeras as deputações de estudantes, estrangeiros residentes em Paris, de países, em signal de reconhecimento, pela grande estima que Michelet sempre dispensou a Michelet o ilustre escrivanor da Polonia; de italiana; de hungaria; de espanhola, etc.

O nome de Michelet deu para anno mais admirado à Tambo. Tanto é que os homens que mais dignos sejam d'uma tão brillante posteridade,

EDUARDO DE LEMOS

Na profundidade do nosso sentimento e bem grande a nossa magia no termo de apresentar aos nossos leitores esta *sympathies physionomia*, em momento tão triste e tão lucuoso para todos quantos a conhecem.

Desde a fundação do nosso jornal que tínhamos reservado um lugar para o seu retrato, e tencionávamos dali-o no momento em que Eduardo de Lemos voltasse para o Brazil, depois de ter prestado na Europa os serviços revolantíssimos de que tanto falam todos quanto conhecem o alto valor e a alta importância do *Centro de Lavoura* do Rio de Janeiro. Mas estupidamente a Morte que o rouhou aos seus, impediu-nos que ainda em vida lhe prestassemos a homenagem publica do nosso respeito e da nossa estima.

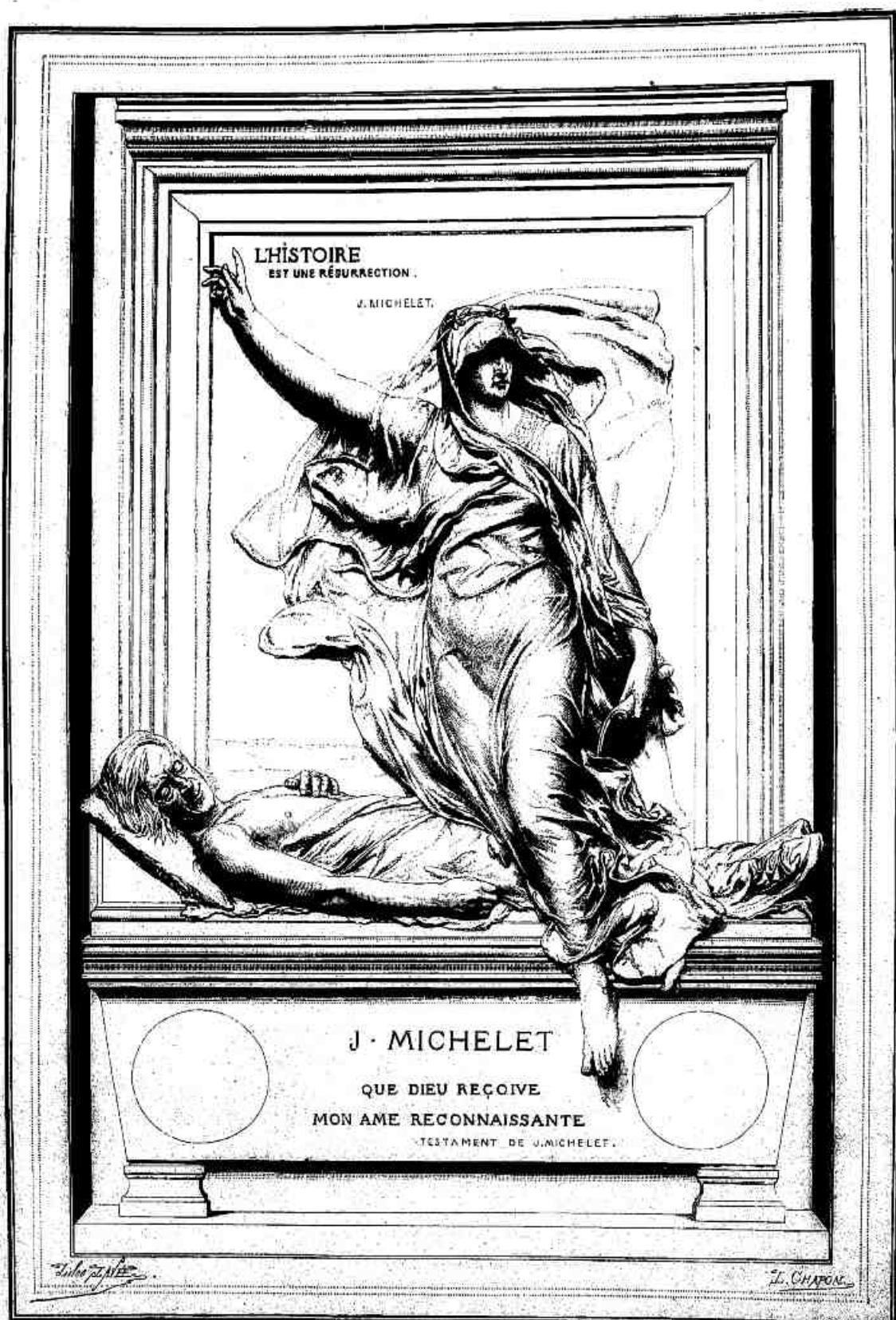
Em Eduardo de Lemos encontrámos sempre um amigo precioso e dedicado, e A ILLUSTRAÇÃO tem deveras razão para sentir a sua morte por que elle era dos nossos, dos primeiros que vieram applaudir a nossa idéia, dos primeiros que nos enviaram os mais calorosos aplausos quando apareceu o primeiro numero da nossa revista. Foi elle dos raros amigos que assistiam em Paris à fundação do nosso jornal, a todas as hesitações d'uma empresa nascente, e foi elle que nos deu conselho e coragem, prophetizando-nos um magnifico futuro, tomando um interesse dedicado e raro por tudo quanto dizia respeito a todas as dificuldades que se poderiam levantar na organização d'uma boa e superior colaboração artística e literaria, como a que actualmente possuímos. E conservaremos sempre como linda reliquia o telegramma e depois as cartas que elle nos enviou de Lisboa dando-nos sinceros parabens pelo sucesso que A ILLUSTRAÇÃO alcançou, apenas foi distribuído o primeiro numero.

Eduardo de Lemos era presidente do *Gremio português de Leitura* do Rio de Janeiro, e o seu nome tornou-se verdadeiramente notável em Portugal quando se soube da parte activa que elle tomou para organizar no Rio a celebração do centenario de Camões.

Andava há tempo viajando pela Europa, sendo encarregado da mais espinhosa e delicada missão — organizar exposições do café, promover por todos os modos a exportação do café do Brazil para os mercados europeus.

Foi principalmente em Amsterdam, durante a exposição, que elle mais trabalhou, publicando então em frances um magnifico estudo intitulado *Brasil*.

Era a primeira vez que Eduardo de Lemos visitava o centro da Europa. Imagine-se o desse ardente de entrar em Paris, de ver dizer que elle de longe tanto amava e tanto adorava



O TUMULO DE MICHELET NO CEMITÉRIO DO PÉRE-LACHAISE DE PARIS

Mas uma carta chama-a a Amsterdam pelando-lhe para antecipar dalguns dias a sua viagem, e Eduardo de Lemos atravessou este Paris tantas vezes sonhado, da estação d'Orléans para a estação do Norte, dentro d'um carro, sem mesmo se demorar uma hora. Acima de tudo o alegre — em este o sua divisa, e quando um homem assim procede durante uma vida insíria, pode morrer tranquillo, por que tem cumprido plenamente a sua missão sobre a terra.

A Ilustração não prestando homenagem as grandes qualidades de Eduardo de Lemos une-se com todos os seus amigos na imensa dor que hoje os atinge — porque a esse grupo pertencem todos quantos fazem parte do nosso jornal.

A Europa.

INUNDAÇÃO EM MOSCOW

O *ESTADO* SÓVEU ha poucos dias em Moscow um verdadeiro diluvio, e *desastre* uma inundação medonha, tão terrível como a de Murcia, cobriu as ruas, as praças, todos os caminhos e todas as estradas, a tal ponto que sobre os campos próximos se andava em jangadas, como em pleno oceano. Os desastres foram enormes; casas e pontes que abateram por toda a parte; e quantas vítimas encontradas entre as ruinas; quantos cadáveres boiando à toma das águas turvas e revoltas.

D'uma das jangadas de salvação da perfeitamente ideia

o delicado e sumido croqui do nosso colaborador Martin, que soube em rapides tragos mostrar-nos o aspecto dramático (Porm d'estas scènes desoladoras e tristes, a qual já estou em parte habituado os moscovitas por occasião das grandes chuvas, — mas que ha muitos annos raro atingiram uma proporção desse ordem,



EDUARDO DE LEMOS



INUNDAÇÃO EM MOSCOW. — Uma jangada

VICTOR HUGO

Na actualidade em scena na Comédia França o Miserere drama de Victor Hugo.

A representação d'esta peça — que foi uma das glorias de Sarah Bernhardt quando a eminentíssima desempenhou neste mesmo teatro o papel de Douta Sul — contiene um verdadeiro acontecimento teatral em Paris.

A ILUSTRAÇÃO reprova este ensaço para prestar homenagem respeitosa ao ilustre poeta — seu discípulo e primeiríssimo individualidade literária do nosso século — publicando um soberbo retrato do autor dos *Clérigos*.

Instamos certos de que todos os nossos leitores de Portugal e do Brasil hão-de ver com prazer este figura austera e sympathica, este velho sublime que todos admiram, que todos veneram, e cujo talento prodigioso tem resistido a todos as luctas e a todos os modos d'estes ultimos cinquenta annos.

O magnifico retrato que hoje damos é também recomendável pelo seu valor artístico. A nosso gravador é a reprodução fidelissima do retrato do poeta feito pelo eminentíssimo pintor francês Bonnat.

Podemos dizer afioltamente que é A ILUSTRAÇÃO o primeiro jornal que publica uma reprodução d'um retrato do celebre artista. Bonnat é um dos primeiros pintores de retratos que a França hoje possue, e no seu gênero a critica

é unânime em collocar acima de Carolus Duran, de Cabanis e mesmo de Meissonier. É o retratista mais famoso não só de Paris mas de toda a Europa, e ficaram celebres as suas telas representando Thiers, Grevy, Lésesse, Victor Hugo. Em Paris é uma honra possuir um retrato assinado Bonnat, e apesar dos contos de reis que o artista pede por pintar quatro palmos de tela, não faltam pessoas que lhe ofereçam dezessas de milhares de francos não só para se ver retratadas, mas principalmente para que o artista expanda algum destes retratos no Salão mais próximo.

Mais adiante encontrarão os nossos leitores um artigo sobre o poeta, devido à pena do nosso ilustre colaborador Theophilus Braga.

Theophilus Braga escrevem-ho dias de Lisboa ao nosso director prometendo-lhe colaboração assidua na Ilustração, e estamos certos que é com um vivo prazer que hão-de ser lidas as artigos que nos for enviar o eminentíssimo e eruditíssimo professor do Curso Superior de Letras de Lisboa.

É mais um nome que A Ilustração se ufana de possuir.

MANUEL DE SOUSA CARQUEJA

Este é um dos proprietários d’um dos primeiros jornais de Portugal — do *Comércio do Porto*. Nelle o jornalista pouco se revelou, mas n’um jornal não basta somente quem escreva — é preciso, e principalmente, quem saiba dirigir e quem saiba administrar.

Este ar sério e grave, esta política sem azares e sem arrojos, esta critica chã e honesta, este tom honrado e serio e respeitável que sempre teve o *Comércio do Porto* e que o tornam uma das folhas mais consideradas não só de grande cidade comercial onde se imprime, mas também dentro do país — resumam perfeitamente o carácter serio e respeitabilíssimo de Manuel de Sousa Carqueja. O seu jornal era a expressão do seu carácter, do seu sentir, do seu pensar.

O *Comércio do Porto* é dos rares jornais portugueses que menos antipatias possue. Onde elle chega é sempre recebido com a máxima cortezia, e a sua opinião é quasi sempre a que mais se escute entre a imprensa do norte da Portugal. O mesmo sucedia com o seu proprietário. Encontrou sempre no sociedade o maior respeito pelo seu carácter honestíssimo e recto, e pela seriedade e circunspecto que soube sempre imprimir à folha que dirigia.

No trato íntimo era da máxima affabilidade, criando um amigo em cada novo conhecido que d’ali se apropria. A pessoa que escreve estas linhas teve occasião de se encontrar várias vezes em Portugal e no estrangeiro com Manuel de Sousa Carqueja, e a ter hoje que falar d’este nobre carácter, fui-o com grande magia lembrando-se dos momentos agradáveis que passou a seu lado, e sente que este morte lhe é tão dolorosa como a dum bom companheiro de ha longas amizades.

A sua família e a redação do *Comércio do Porto* e a redação da Ilustração envia sentidos pesames.

LUCRECIA

CRESSENTE de Riera, o nosso colaborador italiano, reproduz a magnifica estatua de Giacomo Gianni, que foi um dos grandes sucessos da exposição de belas-arts que se realizou este anno em Milão.

Esta *Lucrécia romana* era uma das obras-primas de seculo d’escultura. A estatua representa por assim dizer o segundo acto do extraordinário drama de que todos tem ouvido falar. Tarcimmo la parlo, e Lucrécia no seu lamento que o incitante ocoou macular, está ainda a pro-

facto da violencia praticada e da vergonha que lhe resto. Agarra com firmeza no punhal, e aponta-o para o peito ainda queente dos beijos lascivos do tyranno.

O aspecto geral da estatua de Gianni tem algumas reminiscencias da estatua do tumulto dos Médicos de Miguel Angel. Mas é verdadeiramente notável a energia com que ella segue no punhal; e o corpo é tratado pela mão d’um mestre.

Giacomo Gianni é um dos escultores mais notáveis da moderna Itália, e a celebridade veio-lhe principalmente d’um busto maravilhoso intitulado *Petrarca* que obteve não só um enorme sucesso em Itália mas também em França, principalmente em Paris. A *Lucrécia* que A Ilustração hoje dá veio confirmar este anno em Milão que o seu talento é de primeira ordem, e que a arte italiana muito tem a esperar de tão brillante artista.

UM AVARENTO

CONHECESTE o quadro que hoje damos? Foi um dos merecidos sucessos do Salão de Paris. Adrien Marie é não só um primoroso desenhador como já tem tido occasião de o provar os leitores da Ilustração diante dos quais elle tem feito passar o encanto de seu lapis, mas também um pintor de gênero dotado de grandes qualidades de espírito a par d’uma encantadora factura. Prova o quanto que hoje damos, pela alegria do assunto e soberba execução.

INTIMO

Esta alegria loura, corajosa,
Que é como um grande esculpido ouro feito,
E festeja a Vida a estrada pedregosa
Percorrer sem pavor, calmo e direito,

Vem-me da tua boca perfumada!
Arquada como um ceu, sobre meu peito :
Constelando de beijos cor de rosa,
Ungindo de um sorriso satisfeito...

A immaculada pomba da Ventura
Espreitar-nos, o verde olhar abrindo,
Anninhada em tau cesto de costura;

Trilla um canário na gaiola inquieto,
A cambrata subtil faces sorriendo,
E eu sorriindo desenho este soneto...

VALENTIM MACINHÃES.

Rio de Janeiro.

VICTOR HUGO

TALENTO e carácter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas no mesmo homem; cada uma de per si basta para tornar imortal uma individualidade. Vê-se o talento separado do carácter em Bacon, o criador do *Novum Organum*; acha-se o carácter separado da inteligência nos sectários sentimentais de qualquer doutrina religiosa ou política, nos martyres e nos heróes. Talento e carácter são duas energias diferentes, porque adm. origens diversas em dois centros cerebrais — perceptivo e intelectivo; mas essas duas energias coordenam-se entre si, até que o progresso de uma pro-

duz o desenvolvimento da outra. Ha porém cerebros tão bem orientados, que o talento e o carácter coexistem em uma simultaneidade harmonica, e por isso cada uma d’estas forças põe a outra no seu máximo relevo.

É este o traço fundamental da individualidade de Victor Hugo, como poeta, como artista, como político, como homem; criador, como um talento privilegiado, as suas obras distinguem-se pelo aspecto grandioso e o carácter imprimido ás obras de arte de Dante e de Miguel Angel.

De facto, Victor Hugo, exprimindo todas as profundas aspirações d’este seculo, está para esta grande época, em que a Revolução se vai tornando evolução, da mesma forma que Dante estava para o fim da idade media, quando o presenteamento da Revolução o fazia proclamar *secular si nihilo*. A sua palavra, as imagens, as antitheses, a representação das idéas têm na sua expressão o relevo accentuado que Miguel Angel sabia dar ao marmore e aos frescos nudaciosos. Para a civilização, Dante é o porta do fim da idade media, filho da inspiração do christianismo e da luta da independência civil; mas Victor Hugo é o porta da humanidade, o vidente da justiça, uma das verdadeiras formas do poder espiritual novo que tem de reger o mundo moderno. Quando o talento e o carácter se harmonizam, não é sómente a individualidade do homem que se eleva; a sua vida é também uma lição, fortifica-nos ao passo que nos levanta.

Victor Hugo é o ultimo representante dos espíritos que romperam com a atonia da arte classica das escolas humanistas, e o primeiro lutador que pôs a ante, com o seu grande poder unificador, ao serviço das idéias modernas, empregando-a como uma força social. Entre a *Notre-Dame* e a *Histoire d’um Crime* está circunscripta a evolução d’este luminoso espírito, que soube revelar a poesia íntima de uma sociedade que se constitui, e salvar um povo de uma traição dos próprios depositários da auctoridade. Os defeitos accidentais das suas obras, são os modos de ser particulares de uma tão sympathica personalidade; não servem para se imitarem, mas para se conhecer mais intimamente o homem, que ultrapassa os limites das nossas condições normaes.

Victor Hugo nasceu a 26 de fevereiro de 1802, do general Hugo, celebre caudilho das campanhas napoleónicas, e de Sophia Trebuschier, natural da Bretanha e como tal realista convicta e provada nas lutas da insurreição vendeanha. O que havia de contraditorio entre estas duas naturezas, reappaõe alternativamente em Victor Hugo, segundo a idade e a maior influencia que exerce cada um dos seus progenitores sobre a sua organização não definida.

A primeira educação literaria recebida das lições do padre casado La Rivière, comunicando-lhe o espírito revolucionário, deixou-lhe também esse resto de deísmo, de que o poeta nunca se pode libertar. Antes de Victor Hugo ter a sua auctoridade moral, obedeceu a cada uma d’essas influencias; sob a direcção materna foi um sincero realista, orientado pelas sucessões da Restauração, celebrando os Bourbons em tragédias academicas cheias de alusões. Algumas poesias líricas, como a oda a estatua de Henrique IV e Luiz XVII, são de



VICTOR HUGO

QUADRO DE BONNAT

tal beleza que se conhece que o realista se dissolveria um dia pelo entusiasmo generoso do poeta.

Filho de um general de Napoleão, que, participando da sorte do atrevido corsos, se distinguiu ainda pela energia com que narrava as suas recordações de campanha, não admira que Victor Hugo fosse impressionado com a legenda napoleônica contada por seu pai, e admirasse o assassino da República francesa. A história moderna ainda não tinha achado os processos da dissecação psychológica, e ainda isto não havia escrito o seu estudo sobre o genio militar de Napoleão, nem Michelet encabeçaria essa formação mulefica da origem dos Bonapartes. Para abandonar os estereos sentimentos do realismo bretão, tinha Victor Hugo de admirar o imperador teatral, porque só assim é que se approximaria do grande espectáculo da República, que a realidade mentida de Napoleão ofuscava. Esta terceira phase tem sido a orientação sublima da sua vida, tornando-o desde o desterro de Jersey até hoje o apostolo da humanidade.

Foi de 1826 por diante que o carácter do poeta adquiriu a tempera inquebrantável; o amor veiu ajudar o desdobramento d'esta chrysalida, que tendia para a luz; o seu casamento em 1822 com mademoiselle Foucher, realizou-se apesar de todos os conflitos de família que o embarracavam. O romance do *Han de Islandia* é considerado como uma serie de quadros allegoricos da situação dos dois amantes.

No meio das reescções clericais e monárquicas da Restauração, preponderava essa escola litteraria monarchico-católica, em que figurom Chateaubriand e Bonald, Lamennais e Lamartine, e levantava-se um pequeno grupo dessidente, que, seguindo o criterio vulgarizado por madame Staél, sustentava no jornal *O Globo*, desde 1825, a necessidade do estudo comparativo das literaturas, como meio para adquirirem a liberdade da concepção e a independencia dos canones rhetoricos impostos pelas academias. Victor Hugo obedeceu a estas duas correntes, primeiro não aceitando a nova direcção do lyrismo encetada por Lamartine nas *Meditações*, depois propondo-se a realizar o ideal de Chateaubriand no *Genio do Christianismo*, e por ultimo operando a revolução litteraria no teatro pondo em ação as teorias desenvolvidas pelo grupo innovador do jornal *O Globo*. Cada drama de Victor Hugo está ligado ás grandes lutas do Romantismo em França, onde o pseudo classicismo chegou a pedir á realeza a pena de prisão para os sectarios das novas doutrinas litterarias. *Cromwell* (1827), *Hernani* (1829), *Marion Delorme* (1831), *Roi s'amuse* (1832), *Lucrecia Borgia* (1833), *Marie Tudor* (1833), *Ruy Blas* (1838), *Les Burgraves* (1843), são os documentos da grande luta, em que as teorias foram discutidas praticamente diante do público.

Havia nos dramas de Victor Hugo novos efeitos de linguagem, situações mornas de uma emocioão indescriptivel, um colorido produzido por contrastes nos diferentes tipos, um fervor de liberdade; a necessidade de sustentar esta violencia, não o deixou adquirir o conhecimento profundo da scena, e muitas vezes em lucta com a autoridade, que lhe prohibia os drámas, abandonou o teatro para lançar-se nas commoções politicas. Tendo passado a sua

moçidade na Italia e na Espanha, elle comprehendeu esses tipos nacionaes do Cid e de Fra-Diavolo, que encarna nos seus heróes; mesmo na sua linguagem reunia a pompa hispanica e a forma do faconismo de phrase dos diálogos da *Comédia d'el arte*, dos *farç*, dos improvisadores. E com uma natureza plenamente peninsular, incapaz de se submeter a qualquer disciplina filosófica, em religião alliou um voltaírismo doméstico com um christianismo sentimental, e pela bondade absoluta de uma natureza saudável emprehendea como esthetic a rehabilitação do feio e do grotesco, justificando-o como contraste.

A falta d'uma philosophia foi sempre o seu lado fraco; substituiu-a por um deísmo vago, pour uma theologia providencial, e esse mesmo defeito é o que diminue em parte o valor incontestável da obra de Michelet. Ambos estes escriptores, dotados de uma grande intuição do passado e de uma compreensão moderna, supriu esta imperfeição á custa da mais completa propaganda da solidariedade humana. Esta tem sido a these fundamental de todas as obras litterarias de Victor Hugo depois que o desterro em Jersey o teve por bastantes annos separado da politica. D'aqui daria uma phase nova da sua vida.

O que fez Victor Hugo por occasião do golpe de estado de 1852, quando Luiz Bonaparte atraírou a República de 1848, que lhe havia confiado a presidencia, pôde ver-se escripto por assim dizer a ferro em crasa no celebre livro a *Historia de um Crime*. Victor Hugo nunca quiz entrar em França em quanto esteve no trono o miserável *Cartouché* que se chamou Napoleão III; depois da destituição do imperio, em 4 de setembro de 1870, é que o poeta que escrevera o esplendido livro *Les Châtiments* e *Napolém le Petit*, corre para tornar a ver a pátria que jazera vinte annos escravizada, e que a derrota de Sédan acabava de lançar no abysso. Estes annos de resistencia, do desterro, e do protesto são a consagração historica de um grande character; a França deve-lhe alguma coisa da sua dignidade actual; foi um benfeitor, porque não deixou corromper esse povo até á medula dos ossos.

Os versos dos *Châtiments*, cheios de gritos apocalipticos, cujas ameaças eram ridicularisadas pela imprensa vendida ao imperio, no dia do desastre tornaram-se sentenças historicas, que até a propria *Revista dos Dois Mundos* commentou com respeito. D'esses annos de resistencia são as obras de revolução social, os *Miseráveis*, os *Trabalhadores do Mar*, o *Homen que ri*, e sobre-tudo essa nova concepção da poesia, realizada com valentia na *Legenda dos Séculos*. Cada livro de Victor Hugo liga-se aos grandes acontecimentos do tempo e da sua patria; o *Anno terrible* é o grito de Tírieu gravando na Historia, para que nunca mais esquecam, os ultrajes que a Alemanha infligiu á França, separadas por odios monarchicos estranhos aos dois povos irmãos; a *Historia de um Crime*, foi o depoimento de uma testemunha sobre que se baseu a sentença de morte de uma dynastia de catastrophes.

Feliz o homem que é uma das mais altas expressões do seu tempo, e mais ainda, que nos ensina a acreditar no futuro.

THEOPHILo BRAGA

SUA EXCELÉNCIA O MOLEIRO

ai por maior, n'uma primavera que recordava Diaz e Théodore Rousseau, lui passar uns dias com o Jorge, na quinta onde elle vive, la boix, junto do Guadiana.

O Jorge é uma d'estas graves organizações, um pouco vagas, felas entre avôs, e elocadas na contemplação das grandes montanhas, que as mulheres adoram pela força que rezumem e recatada digna que exprimem. Enfim, vive la boix no amos, no convívio dos trigos, lobeiros e dos vendois delgados. Simples rapaz manso de faltas, que parece triste desde que saiu bachelur, e que ao lim de grandes esforços, muito grandes, está quasi tão lucido quanto se o não fosse. A quinta é como as outras, cercada de muros ao longo da estrada, aberta pela banda do rio, e com a antiga casa nobre ao fundo d'uma alameda de castanheiros e platanos. Nos campos em volta, a caça é abundante como nos primeiros dias do Eden. Num reilho oblongo do vale, vergam velhas laranjeiras todas frescas do orvalho. Bebem-se agua d'entre serras, tocada d'um resabio ferrea, extraordinaria agua de rocha, que brota tepida no inverno, e vem gelada pelo tempo das calmas. Quanto a vinho, no Alemão, onde os senhores virem convento de frades, é que ali anda por força una gata superíma. Ora a dois passos, dorme uma grande ruina de convento — e a região vitícola, vasta, verdejante, admiravelmente pitoresca dos pampas que em toda a parte se enlaçam, por cima dos valados, por cima dos muros, nos troncos das árvores; a região vitícola é das mais ricas e sisas da toda província. Enche-se o copo por arte, afim d'olhar contra a luz, antes de beber, o esquisito licor d'um colorido quente, que faz sonhar nos furtivos amores pelas vindimas, com raparigas que cheiram a ferro, e traçam os colletes desapertados, rubras de calor.

Todas as manhãs eu acordava ao som de tiros nos pinhaes da céraria; e os latidos dos cães já por fim me avisavam que o Jorge não perderia o dia, e andava ganhando o almoço de nós ambos. Por mim, caco pouco. As correrias a cavalo fatigam logo os meus pobres músculos de sabio, vitalizados por um sangue deslirado e branco: e assim me via forçado a não acompanhar sempre o meu caro montanhez, cuja vida rude de barão feudal, levada em jogos violentos, montarias, exercícios d'armas, não era já para os meus hábitos de perpetuo convalescente. Elle não irradiava uma alegria selvagem ao voltar carregado de despojos, coelhos, pombos, galinholas, perdizes, e tinha uma bella estatura d'infante sobre o cavalo negro, nervoso, bizarro, de crina solta, que dir-se-hia soberbo de ser guiado por Jorge. De mais, eu trouxera para o campo os maus hábitos do estudo, passava as manhãs lendo, aguardava com impaciencia as horas de correio, — e apesar do grande sol, da verdura que fazia, das floracões incomparáveis, da docura do clima e do ar, francamente, vinha-me a espasos uma saudade dos boulevards e dos raios da cidade — e pela noite, no silêncio da quinta, sob um frio luar que esfumaçava os cerros, eu sentia a horrivel sede da podridão lisbonense, cafés flambantes o gás que inorde as epidemias bassas entre a espuma das rendas, e esses gentis peccados mortais de mentilha branca, perfumados d'aromas secretos, com signaes positivos a pós de Lubin, que vão para S. Carlos ás oito, entre uma multidão que se acanha e comprime. E olhando o Jorge com a sua barba em bico, o seu perfil de príncipe lorenzo, atrevido e calmo, punha-me a pensar na vida d'aquelle rapaz, tão caca, tão igual, e achava estupido que o coração d'elle batesse manso com pulsacões espasmodas, aos vinte annos, no fundo d'aquelle deserto.

— Mas aína, disse-lhe eu uma noite, faro de esquadrihar a traidade do seu tempero.

mento adormecido; não havrá na tua vida uma mulher? «Eh, corado um pouco, disse-me a rir que a preceusso.

— Porque enfim, tornsei eu, nos vinte annos, um rapaz conhecedor das mulheres, resolvi-me a amar uma de preferencia. Levas uma vida extremamente monótona para ser verdadeira; raro te vejo abandonar os teus domínios; por fôrma que não podes ver só do que appareces. Oh! Oh! Ma para ahi, no fundo dalgum monte, na aldeia, lá baixo, ou da outra banda da ribeira, algum bom bocado de femea, hein? mais vigiado que um incêndio, onde eti o patrício esprecece das azofamas venatorias. Boa traça, seio copioso, olho moegano...

— Manias de romancista, disse Jorge, atirando o charuto. Bem noite. Ah, é verdade: amanhã vamos ao moinho.

No dia seguinte fomos através dos campos agriculturados, entre árvores vestidas com floragens de neve, o guardando a graca pudica das raparigas que vão fazer a sua



MANUEL DE SOUZA CARQUEJA.

primeira comunhão. Parecia o céu um grande claustro de lapis-lazuli doisado pelos lampadários do sol; e ar doce e a luz rápida, tonificavam a vida, abrindo campo a todos os sonhos e a todas as visões. — e sobre o horizonte, o azul ia tomando profundezas vivas que palpitaçam, comovidias de patrocinar tanta vegetação passarada. Pelo direito o Guadiana turvo das chuvaladas, grosso pelo tributo dos regatos e ravinas d'entus montes, gorgolejava entre pedras, estrangulado aqui, abrindo alâmfarcavas mares, ameaçando inundar os moinhos — depois lá se ia ressuscitando entre cordões de sobreiros gigantes — o fervor amortecia n'um eu / eu! muito alongado — e o ultimo grito bramquejava de choleira n'algum coqueto de leito — até que por fim já se não via, mas por uma fôrma temática, surda, no expansão invencível da cheia, ainda ao ouvido se afigurava como um tropel de exercito, por esses desfiladeiros aspertrímos da ruia.

Quando já tinhamos andado alguns kilometros, disse o Jorge:

— E agora, que vamos nós fazer a esse moinho?



ARTE ITALIANA — Lucretia — de Giacomo Giacinti



UM AVARENTO — Quadro de Adriaen van der Werff

— Ah, tornou elle, como se não recordasse. O moinho! é isso. Uma curiosidade do sítio: tu has-de apreciar. Ha uns homens que vóces dizem artistas, e que eu ainda não pude deixar de chamar maniecos. Alguns, claro.

— Bom preambulo! tornai eu rindo.

— Como vivas tu muito em Lisboa, deves ter ouvido falar do Mexia. O Mexia de Ferreira! Homem de todos, grande frequentador do Marques, muito diretores... Esteve com a Manuela Rey muito tempo.

— Vagamente, sim. Creio que dissipou trez ou quatro fortunas em extravagâncias. Mas desapareceu ha muito, e a rapaziada de hoje desconhece-o. Deve estar pobre.

— Quasi. No entanto é milionário.

— Compensação. E emendou-se?

— Um pouco. Por aqui adoram-no.

Eu ca embrião com elle, já te pravimo. Mas se o conheceres de perto, achas um cavaleiro: não sou agora tão exclusivo que o diga insuportável! E um destes inexplicáveis com quem a gente rude como eu não saiba tratar, cheio de remoques e rizinhos, que nos fazem crizes de nervos. E uma caridosa principesca! Ha quatro anos, na inverna que estragou as sementes, mandou abrir os celeiros, e cada pobre carregava as bestas quanto podia. E pena que se mostre avarento da sobrinha!

— Hum! Ia diagnosticar por ahi a embriacação.

— Estás doido! Se gostasse d'ella...

— Vamos. Por certo é uma beleza, essa rapariga. Muito nova?

— Desoitro anos. Não digo que não seja sympathica, e ate bonita. Mulher de salão. Eu não nasci para aliciá-la!

— E o teu enão, gosta pouco que lhe ronões a porta...

— Oh, lá isso não! Nem eu sei porque nos não frequentamos mais. A verdade é que ha entre nós certas desferenças. O anno passado não tive cõte nos montudos. Precisava de lenha para casa, e para uns pedidos ahi de Moura. Ele soube, e mandou-mi sem eu lhe pedir. Aquelles gamos que tenho no pateo, foram presente d'ella. Nas ferias, sou o primeiro convidado. A menor festa, elle só vem todo em etiqueta. Emfim, a sua politica exaspera-me. Quando tu vejas dois aletejados vizinhos, dando-se ares cortezanescos, diz logo que ha velha birra entre elles. A nossa província nasceu para tratar a amizade em mangas de camisa.

— Pintoresca! A torridez da zona desculpa isso.

— Confesso que soja dureza d'espirito, falta de cultura. O sol que nos tosta a epiderme, faz-nos a imaginação arida. Não somos o que vóces chamam artistas. Se uma trepadeira cresceu ao pé da nossa janela, não vamos obrigar-a a fazer-nos moldura à vidreira. Os troncos crescem e pendem para onde lhes faz conta. Não temos sentimento de limpa, nem arte no coração. Outra as residencias dos nossos pequenos lavradores, as janelas sem vidros, mobólios que parecem ainda das primeiras cidades do homem, um, nudez horível nos quartos... O tom habitual das conversas dos negócios, é aspero, succedito, seco. Nada de malas palavras ou de maldas. Quantão é! Tanto. Faz conto ou não faz conta. Se um estranho ouzasse um trocadilho de palavras, qualquer insulto gracioso, diriam logo: — que merlo! E entrouvem a desconfiar. Sabes tu como as aldeias, esgotadas pelos tributos, sem beneficio local, designam essa Lisboa, que elles imaginam ser o sorvedouro do dinheiro que lhes extuequem? Estando o puto fechado, e dizem: li aquelles grandessíssimos ladões!

Os montados entre que vivemos, livram-nos de contagio das cidades. Resguardam-nos um caminho de ferro; melhoraram com isso a nossa actividade! Estamos cada vez mais pobres. Nos primeiros chupos, entraevíos, como se traçassem um invasor, os nossos camponeses arrancavam de noite os raios que os operários assentavam de dia.

— Uma população com tais hábitos, disse eu para dizer alguma coisa, deve preparar o curar com grande solemnidade, assim d'envenenar as hexas.

— Aqui tens o paiz onde o Mexia vem planter os seus hábitos de galanteria. Foi um escândalo, no suberom que elle cultivava plantas d'estufa! Emfim, eu mesmo não fiquei contente, quando o vi rasgar nêus nos pinheiros, e talhar as azinheiras como os buxos de Queluz. Esse diabo viola a magestade da natureza! Estou em dizer que ainda iluminou os montados a giz, e obriga as perdezes a decotarem-se, antes de lhes ferrar uma chumbada.

— E velo-hemos no moitinho?

— Se é elle o moleiro.

— Mas isso é um libreto de Scribe. E a musica?

— Chopin, num piano d'Ercard, pela sobrinha.

— Meu Deus, que deliciosa moleira para amante...

— Mau! gritou Jorge fazendo estacar o cavalo. Não gosto d'esses brincadeiras.

Timbamos galgando um mau caminho estreito e pedregoso, entre montanhas cobertas de pinhal; quando subitamente vimos deante, ornais extraordinaria panorama agricola do mundo.

— Entrámos nos domínios do homem, notou Jorge, em quanto eu com o cavalo immoval, a mão em abat-jour sobre os olhos, in notando de vager.

A principio não pude impregnar-me bem, do sentimento profundo que taminha obra transpirava. Elas massas de verdura em todos os toos, humidades, fremitos, manchas de terras, brancoros de casas, uma tranquila paz que adormecia a alma. Mas quando os meus olhos se afizeram à luz deslumbrante que inundava tudo, ceus e montanhas, em perguntava se era alii o paraíso de Babilónia, e não podia conter a minha admiração.

Tudo quanto abrangia a vista, era d'elle. E havia de tudo, campos de trigo, favaes, oliveiras cobrindo a terra por vastas extenções, vinhedos, montados; florestas de carvalhos e pinheiros, campos d'aqueles pradarias de selva, laranjeas e pomares, alinhando por esses valas, os seus grandes retalhos de tapeçaria mosquito, tremulo, foá, florido e desconforme.

— Além é o palacio que elle anda a restaurar, ia dizendo Jorge, que me aponhou cada coixa, com o cuidado minucioso de quem quer fazer resarhar bem o que mostra. E eu viu um bizarro edificio com altos pavilhões nos azes, meio castello meio palacio, reconstruído em epochas diversas, e cozendo por isso, uns aos outros recallhos de diversas architecturas. Aquello grande massu tinha por cima um terrado que andavam asfaltando, e em reda balustrados, onde os canos d'esgoto eram criaturas de pedra, defecando para as baidas da fronteira. Bougivillers, heras, caracólios, agarravam-se aos varalins do andar nobre, engalhinhavam-se, iam trepando ate aos terraços fazendo sobre os muros um grande parão d'arruz, dilacerado e espesso. A casa compõe entre fortes massas de cedros, nogueiras, palmarias, chorões, e silhuetas pirâmides d'araucarias; a cada momento o buxo talhado das ruas era interrompido por cupulas d'estufas, agulheiros e ciprestes, penumbras de grandes loureiros e tuias que faziam escaninhos e galés, — como o ar humido transmítiu os sons com uma nitidez singular, estremecendo por tempo a ouvir pulsar tendo aquelle ritmo. D'alem, redondos secos de pedras e roçadeiras limpidas; troncos; d'acáli, cantigas de mulherei e homens, risos, gritos, conversas altas, murmurios d'água, roncos de noturnas mugidos de vacas, todos os zumbidos da vida fecunda que não podia conter-se sac alastrá, d'azinhas, e em azinhas.

— Mas o pintoresco eram as penumbras goitejantes da verduríssima, corcovos das árvoreas; o turbilhão dos colondos, os finos peris das faias

e choupos, em torno dos quais já uma especie de folhagem d'ouro entrava a esvoçar; as manchas das floragens que vinham com primavera, caudas, confusas rebeldias em fundas suaves, desde o cõr de rosa das oliveiras, do branco creme das ásperas de perecereis, ate as sombrías tonalidades das plantas rústicas, hirsutas, violentamente brotadas, malmequadas, trovistas, romuninhos, carapatos erousos selvagens. Jorrando d'alto, o sol fazia n'essas botucagens, frigidas das gotas que se filtravam pelas folhas, os mais preciosos efeitos de gambarra, sob que a vista ia saltando de contínuo em contínuo e pilar em pilar, como um passaro contente e azul que nada teme.

Demas alhâ com um portão de ferro batido, entre pilastres ornadas d'escudos. Uma alameda ia encurtar no fundo da quinta o vasto terrado de balaustris, coberto de mosaico, com vasos d'alves e palmárias amas; e apparecia depois os fortes angulos do palacio, o filo de janellas principescas, d'um grande ar, que ia perder-se alevia e corrente, na verde confusão das folhagens. Jorge parou a si a si. Um crealo abria de dentro. E dali a pouco o mordomo ou quer que era, veio dizer que os senhores estavam no moitinho, meio kilometer, a dois passos, em quanto durassem as obras na casa. E se V.º Ex.º quizesse...

— Não, vamos lá ter.

Breve chegamos ao moitinho, um pitoresco moitinho holandês, todo em ferro e azulejo, com a sua cruz de madeira girando a respiração da brisa matinal. Era n'uma colina baixa, cujos pendentes vinham preguiçosamente ao vale num' ondulação calculada, e onde arvores e seivas, Deus me perdoe, não eram tractadas à thezoura. Um caminhão arrastava o jardim serpentino entre sebes desmodorando, circunvoluções a compasso, e comum pescar pescaram os carreiros brancos que sequestravam todos as aguas fortes dos lindos galantes doceculo passado. Duas creadas ruborinhos vestidas de percale, mujancas vacas que um pastorinho guia. — E nos mesmos subindo direitos nos cavalos a passo, com vestões de veludo e gorros de caça, concurramos com os nossos peris d'algumha a authenticar aquello paisagem de leque, iaganau e delambide. A estriúdo dos cavalos, o Mexia veio à soloino do moitinho com o seu riso conterzanso no labio ainda voluptuoso. Era alto, seco, ligeiro, tendo uma mobildade instintiva na espinha, e o monoculo pendente d'um olho de ouro muito tenue. O seu traço era uma junção de pocas desencontradas, que para assim dizer descreviam a incongruência do seu espírito doidivana — barrete azul de moleiro, o mais admiravel colar de damasco bordado a relieves, creme a camisa de bretanha espalhando a luz na sua imaculada brancura, moins de sedu escarlata, manga arreigada... E assim que nos viu, fazendo a voz rude, dava ordens para dentro, fingindo de rustico em labuta — essa facinha prestes as onze horas, olá — cuidado comi má que é traçoíra! — e os roditos da engrenagem prosseguiam num tra-tre-scurto e prolongado. Trilharam apedaco; e elle desarrançando as mangas, rejtihava de o termos surprehendido no seu rustico mister. Fez-nos entrar nos baixos do moitinho, soffregue por nos dizer a azáfama dos ultimes dias — mor sem destino, como lhe iam augmentando os freguenses — as calmarias do vento exasperavam-no, e o quiz um roulo — quanto a mós, poucas lhe vinham ao gosto. Tanto queria inventar um apparelio, mas por agora segredo! A farinha, baixa, isso estava, mas havia esperanças de subirem os preços, que se cearão estâmo-nos prometiam a grande escoa... —

— E assim vai ganhando a vida, uma pessoa, com o alargando a perna por lhe vermos a farinha que lhe empoeirava as calças, e vestia d'um ligeiro daver o vermo dos sapato re-curos.

Por dentro, o moitinho era alguma coisa luxuosa.

EPILATORIOS DUSSE (Pasta Epilatoria para o rosto; **Pelivora**, para os braços)
Perfumaria DUSSE, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau. — PARIS



— Muito concorrido está hoje o teatro. Vou que apreendo o meu conselho.

— Segui. Os Epilatorios de Dusse são uma descoberta maravilhosa; sómente tenho a pele muito seca.

— E que te ensinaste de fazer uso da Crème mousseline.

— Pois qual ainda não está pronto?

— Não tenho coragem de lhe tomar banho com os braços nus assim.

— E afigão-me que são peus! Aqui tem um frasco de Pelivora. Vou ficar como uma ninfa de Diana.

— Eis as lidas gráficas: as loqueras enganam, as liras lacham e as valentes não nos consolam.

— Mas que corpos soberbos... que exibições caras!

— Que admiração! Com os Epilatorios Dusse todos os mulhers são estâncias vivas.

— Fanny, está tudo em ordem na minha toilette? Não se esqueceu de coisa alguma?

— Não, minha senhora: aqui está a Pasta epilatoria, três frascos de Pelivora e a Crème mousseline.

— Bem...

— A baroneta já de nada se arrecoide desde que lhe desapareceram aquelas bigodes que lho deixam o rosto dum gremecero.

— Pois a Pasta epilatoria é mais a Pelivora que a salveram.

EXPOSITION UNIV. 1878

Médaille d'OR Croix de Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

Gottas Concentradas
E. COUDRAY

PERFUMES DA MODA PARA LENÇO

Estes perfumes reduzidos a um pequeno volume são muito mais duradouros e mais suaves ao longo que todas as outras extracções de óleos concentrados até agora.

ANTIBOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTÉIA

Recomendado pelas Farmácias Reais.

ÁGUA DIVINA, água de jasmim.

OLEOCOME para a higiene das espaldas.

ESTES ANTIBOS ACHAM-SE NA FÁBRICA

PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depósitos em todas as Perfumarias, Farmácias, e Cabotagens da América.



Académie de Médecine de Paris

REZZA

Éau Mineral. Acidulus. Ferrugineous. — Cette Eau est sans rivale dans le Traitement des Gastralgies, Chlorose, Anémie, et toutes les Maladies provoquées par l'appauvrissement du sang.

L'Imprimeur-Gérant: P. MOUILLOT.



GRANDES ARMAENS DO
Printemps

NOVIDADES
PARIZ

Acaba de ser publicado

o magnifico Catalogo geral ilustrado, contendo mais de 450 Gravuras dos novos Modelos para a estação de

Inverno de 1884-85

Remette-se gratis e franco a quem o pedir, em carta franqueada, dirigida aos

Sra. JULES JALUZOT & C°

PARIS

São igualmente enviadas FRANCO, as amostras de todos os fazendos que compõem o immenso sortimento do Printemps.

Expedíces para todos os Paizes do Mundo.

INVENTAIS E CORRESPONDENTES EM TODAS AS LINHAS.



Recompensa Nacional 18.600 Fr.

QUINA LAROCHE
ELIXIR VINOSE
RECONSTITUENTE E FRIGIDEUR
Enfriamento, Cooperação do Estomago
Febre, Inflamações, etc.

QUINA LAROCHE
Elixir Vinozoso
FERRUGINOSO
Pabresa do Sangue, Anemia, Chlorose,
Débilidade, etc.
PARIS, 22, rue Drouot, e Pharmacie.

NOVAS SORVETEIRAS TOSELLI

Único apparelo de fábrica.
Recomendado pelo Jury
da Exposition Universelle de 1867.
Pará de fabricar sorvete e produzir o sorvete mais saboroso e mais saboroso.
Gelado, sorvete, creme, etc.
Outras fábricas só produzem
uma seção de sorvete, produzida
Inventado em 1866, Rue Lafayette,
J. BUSTIN, 10, R. Marais de la Chapelle, PARIS.

PARIS, IMPRIMERIE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.